

“Déficit é a única bandeira da oposição”

Em entrevista à Business Week, Fernando Henrique Cardoso diz que Mercosul é mais avançado que o Nafta

Business Week

Animado pelo sucesso do anti-inflacionário Plano Real, o presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso conseguiu há pouco a aprovação de uma emenda constitucional que lhe permite concorrer a um segundo mandato em 1998. A abertura da economia brasileira, que movimentou US\$ 700 bilhões, tornou-o popular tanto entre os eleitores quanto entre os investidores estrangeiros; espera-se que estes injetem US\$ 14 bilhões no Brasil neste ano. Se Cardoso ganhar a reeleição, como se espera, estará no poder até 2002. Em seu gabinete em Brasília, Cardoso discutiu sua visão sobre o Brasil numa entrevista com Ian Natz, em 12 de junho, para a Business Week, escritório de São Paulo.

Business Week – O que o senhor fez desde que tomou posse, dois anos e meio atrás?

Fernando Henrique Cardoso – Hoje, ninguém duvida de que o Brasil está no caminho certo. Temos estabilidade. Mais que apenas uma moeda estável, isso significa que a política econômica não dá voltas. Temos objetivos e procuramos alcançá-los. Às vezes ganhamos, às vezes perdemos, mas os objetivos não mudam. A economia está aberta, a competição aumenta e houve muito investimento, do exterior e doméstico. A reestruturação está a caminho e, nas privatizações, a venda do conglomerado de mineração Vale do Rio Doce foi histórica. Substituímos ministérios burocráticos por órgãos mais independentes e descentralizamos os serviços sociais.



BW – O senhor pode ser presidente durante mais cinco anos e meio. O que o senhor quer conseguir?

FHC – Um crescimento econômico sustentado. Em 2002, vamos ter um PIB de mais de US\$ 1 trilhão. Tenho certeza. Criamos eixos de integração –

hidrovias, estradas de rodagem, a privatização das ferrovias e dos portos. Vamos abrir o mercado de modo que a Petrobrás (empresa estatal) faça concor-

rência. As telecomunicações estarão de modo quase completo no setor privatizado. O setor de energia elétrica será de propriedade cada vez mais particular.

BW – As vendas e reestruturações vão provocar desemprego e problemas sociais?

FHC – Poderão. O setor de serviços é o que dará mais empregos – em educação, saúde, trabalho comunitário. O governo tem que trabalhar vigorosamente nessas grandes áreas, uma agricultura diversificada, mobilidade geográfica – as pessoas procuram novos empregos. E os brasileiros gostam de coisas novas. É por isso que os mercados de telefones celulares e computadores crescem com bastante rapidez.

BW – Os analistas prevêem um déficit comercial de US\$ 11 bilhões para este ano. Isso é um grande problema?

FHC – Analistas e a oposição referem-se ao déficit comercial como se ele fosse trágico. É a única bandeira que eles têm para brandir. Quem for mais imparcial vê que, como a entrada de capital é bastan-

“O Brasil está mais próximo da sociedade norte-americana do que da européia. Como nos EUA, o desemprego não aumentou”

te vigorosa, não existem grandes problemas. Nós precisamos tomar atitudes tais como limitar o financiamento de importações para não perder o controle da balança comercial. Mas todos, incluindo eu mesmo, acreditamos que a reestruturação precisa ser acelerada para reduzir o déficit.

BW – Quando o Sr. se reunir em

outubro, com o presidente Clinton, aqui nos Estados Unidos, o que vai dizer a ele sobre sua visão do livre comércio no hemisfério?

FHC – Nós temos dois grandes blocos organizados, o Acordo de Livre Comércio da América do Norte e o Mercosul (a união aduaneira do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai). O Mercosul é mais avançado do que o Nafta como sistema. Não acredito que venhamos a perder essa vantagem e dispersar tudo. Nós devemos melhorar cada vez mais. A integração hemisférica é necessária, e vai acontecer. A condição para que isso ocorra é um bom relacionamento entre o Brasil e os Estados Unidos. Acho que o Brasil e os Estados Unidos precisam partir juntos para iniciativas, não só sobre tarifas mas também em educação, o que é de grande interesse tanto para o presidente Clinton quanto para mim.